

Nayla Oliveira | Janaína Melo | Isabela Orichio  
ORGANIZADORAS

CARTILHA



# MUSEUS ANTIRRACISTAS

**IPN** | SÍTIO  
ARQUEOLÓGICO  
MUSEU MEMORIAL  
INSTITUTO  
PRETOS  
NOVOS



Nayla Oliveira  
Janaína Melo  
Isabela Orichio  
Organizadoras



**IPN**  
LABORATÓRIO

INSTITUTO  
PRETOS  
NOVOS

SÍTIO  
ARQUEOLÓGICO  
MUSEU MEMORIAL

LETRCAPITAL

Copyright © Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, 2026

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610,  
de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida  
ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados,  
sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

Organização da cartilha Nayla Oliveira, Janaína Melo  
e Isabela Orichio

REVISÃO Danilo Tavares

CAPA Jenyfer Bonfim

PROJETO GRÁFICO Luiz Guimarães

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

C315

Cartilha museus antirracistas [livro eletrônico] / Instituto de Pesquisa e  
Memória Pretos Novos ; organizado por Nayla Oliveira, Janaína Melo, Isabela  
Orichio. - Rio Branco : Letra Capital, 2026.

?? Mb ; ePUB

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-331-0 (e-book)

1. Museus - Aspectos sociais - Brasil 2. Relações raciais - Brasil 3. Negros  
- Brasil - História 4. Antirracismo - Museus I. Instituto de Pesquisa e Memória  
Pretos Novos II. Oliveira, Nayla III. Melo, Janaína IV. Orichio, Isabela

26-1117

CDD: 305.896081

CDU: 069:316.647.82(81)

---

Angélica Ilacqua – Bibliotecária - CRB-8/7057

INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS – IPN  
Rua Pedro Ernesto, 32-34 – Gamboa – Cep 20220-350  
Rio de Janeiro – RJ

Telefones: (21) 2516-7089 | (21) 96465-9983

<https://pretosnovos.com.br/> | [contato@pretosnovos.com.br](mailto:contato@pretosnovos.com.br)  
[turismocultural@pretosnovos.com.br](mailto:turismocultural@pretosnovos.com.br)

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465

[www.letracapital.com.br](http://www.letracapital.com.br)

## SUMÁRIO



|                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Apresentação. Programa de Equidade Racial em Museus .....                             | 7  |
| Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN) .....                              | 9  |
| Instituições do Pacto Museus Antirracistas .....                                      | 15 |
| Semear, Germinar, Colher – A Construção da Cartilha Museus Antirracistas do IPN ..... | 18 |
| Diretrizes para: gestão e inclusão .....                                              | 37 |
| Diretrizes para: curadoria e pesquisa .....                                           | 40 |
| Diretrizes para: educação e articulação .....                                         | 43 |
| Como aplicar as diretrizes nos museus? .....                                          | 45 |
| Recomendações .....                                                                   | 50 |
| Legislação .....                                                                      | 53 |
| Referências .....                                                                     | 55 |
| Ficha técnica .....                                                                   | 65 |





Apresentação

## PROGRAMA DE EQUIDADE RACIAL EM MUSEUS

**É** com muita alegria que entregamos a cartilha “Promoção da Equidade Racial em Museus”, também denominada “Museus Antirracistas”. Esta publicação integra uma importante iniciativa que se configura como política pública, inspirada no conceito de cidades antirracistas.

Tive a oportunidade de conhecer essa perspectiva durante uma viagem a Denver, onde compartilhei a história do Instituto Pretos Novos e entrei em contato com experiências potentes e transformadoras no campo da memória e da justiça racial. Esse intercâmbio foi fundamental para ampliar horizontes e fortalecer o compromisso com práticas institucionais mais equitativas.

A partir dessa vivência, surgiu o desejo — e posteriormente a possibilidade concreta — de construir algo semelhante no contexto brasileiro, especialmente no campo dos museus. Assim nasceu este projeto, que busca promover práticas museais comprometidas com a equidade racial, o reconhecimento das histórias afro-brasileiras e a valorização de narrativas historicamente silenciadas.

Ao entregarmos esta cartilha, reafirmamos nosso compromisso com a transformação das instituições culturais em espaços mais justos, plurais e conscientes de seu papel social. Que este material possa inspirar ações, reflexões e mudanças efetivas no campo museal.

Mercedes Guimarães

## INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS (IPN)



O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN) é uma instituição cultural, educativa e de preservação da memória que atua a partir de um dos mais importantes sítios históricos e arqueológicos do Brasil: o antigo Cemitério dos Pretos Novos, localizado na região da Gamboa, na cidade do Rio de Janeiro. O IPN se constitui como um espaço de memória sensível e um sítio de consciência, dedicado à valorização da história da população africana e afro-brasileira, sobretudo no que se refere à experiência da escravidão e seus desdobramentos na sociedade contemporânea.

O Cemitério dos Pretos Novos funcionou oficialmente entre os anos de 1774 e 1830 e recebia os corpos de africanos recém-chegados que não resistiam às condições brutais da travessia atlântica e das primeiras semanas em território colonial. Estima-se que mais 30.000 pessoas tenham sido enterradas de forma indigna nesse local, evidenciando a violência estrutural do sistema escravista. Por muito tempo, essa história permaneceu invisibilidade, apagada da narrativa oficial da cidade. Foi apenas em 1996, durante uma obra em uma residência na Rua Pedro Ernesto, que vestígios ósseos foram encontrados, revelando a existência do cemitério e dando início a um processo de reconhecimento, pesquisa e preservação.

Nove anos após essa descoberta, o IPN foi criado com o objetivo de salvaguardar o sítio arqueológico, promover pesquisas acadêmicas e desenvolver ações educativas e culturais que contribuam para a construção de uma memória pública comprometida com a justiça histórica e racial. O instituto articula diferentes áreas do conhecimento, como a história, a arqueologia, a museologia e a educação, consolidando-se como referência no campo da memória da escravidão no Brasil.

O Museu Memorial dos Pretos Novos, mantido pelo IPN, é o principal espaço de visitação e mediação com o público. Mais do que um museu tradicional, trata-se de um lugar de escuta, reflexão e sensibilização, onde o passado é apresentado de forma crítica e contextualizada. O acervo inclui vestígios arqueológicos, documentos históricos, exposições permanentes e temporárias, além de recursos educativos que dialogam com diferentes públicos. A proposta museológica valoriza narrativas que foram historicamente silenciadas, colocando em evidência as experiências, resistências e legados das populações africanas e afrodescendentes.

Nesse sentido, o IPN e o Museu Memorial dos Pretos Novos se inserem no campo da museologia social, que entende o museu como um agente ativo na transformação da sociedade. O espaço atua como um território de memória viva, promovendo o debate sobre racismo, desigualdade social, direitos humanos e políticas de reparação. Ao reconhecer o cemitério como um lugar não somente de dor, mas também de memória e resistência, o instituto contribui para a construção de uma consciência histórica crítica e comprometida com a equidade racial.

As ações educativas desenvolvidas pelo IPN são um dos pilares de sua atuação. O instituto recebe estudantes, professores, pesquisadores e visitantes em geral, oferecendo visitas mediadas, oficinas, cursos e formações voltadas para a educação patrimonial e o letramento racial. Essas atividades buscam ampliar o entendimento sobre a história da escravidão no Brasil, suas permanências no presente e a importância da valorização das culturas afro-brasileiras. O diálogo com escolas e instituições de ensino é fundamental para promover uma educação antirracista e inclusiva.

Além disso, o IPN integra o Circuito da Herança Africana, um conjunto de pontos históricos na região portuária do Rio de Janeiro que evidenciam a presença e a contribuição dos africanos e seus descendentes na formação da cidade. Essa articulação fortalece a dimensão territorial da memória, conectando diferentes espaços e narrativas que, juntos, compõem um importante patrimônio cultural.

O instituto também realiza eventos culturais, como rodas de conversa, seminários, lançamentos de livros e apresentações artísticas, contribuindo para a dinamização do espaço e para o fortalecimento de redes culturais e comunitárias. Essas iniciativas ampliam o alcance do IPN, consolidando-o como um polo de produção e difusão de conhecimento.

Ao longo de sua trajetória, o IPN tem se afirmado como um espaço fundamental para a preservação da memória da diáspora africana no Brasil. Sua atuação evidencia a importância de reconhecer e valorizar histórias que foram marginalizadas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e consciente de seu passado.

Assim, o IPN e o Museu Memorial dos Pretos Novos não apenas guardam vestígios de um passado doloroso, mas transformam esse legado em instrumento de reflexão, educação e transformação social. Trata-se de um espaço onde memória, ciência e compromisso ético se encontram, reafirmando o direito à história e à dignidade das populações negras.

“Uma Educação antirracista só pode se realizar em um terreno democrático, jamais em um terreno autoritário, que vê o conhecimento de forma conteudista [...] ela precisa de um chão para existir e esse chão tem que ser democrático, ético e emancipatório”

**Nilma Lino Gomes, Educação Integral articulada com Educação para as relações étnico-raciais é uma proposta transgressora (2024, n.p.)**

“Pessoas brancas não costumam pensar sobre o que significa pertencer a esse grupo, pois o debate racial é sempre focado na negritude. A ausência ou a baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas. Para desnaturalizar isso, todos devem questionar a ausência de pessoas negras em antologias, pensadores negros na bibliografia de cursos universitários, protagonistas negros no audiovisual. E, para além disso, é preciso pensar em ações que mudem essa realidade.

**Djamila Ribeiro, Pequeno Manual Antirracista (2019, p. 31-32)**

“Uma coisa é certa: se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização — com todas as tensões, os desafios e os limites —, muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória não teria sido construído. E nem as políticas de promoção da igualdade racial teriam sido construídas e implementadas.”

**Nilma Lino Gomes, O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação (2017, p. 18-19)**

“Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo, negros e brancos, e juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação atual neste país, vai ser muito difícil, no Brasil, se chegar ao ponto de efetivamente sermos uma democracia racial.”

**Lélia Gonzalez, Por um feminismo afro-latino-americano (2020, p. 310)**

“Era um jogo que eu fazia entre a palavra ‘escrever’ e ‘viver’, ‘se ver’ e culmina com a palavra ‘escrevivência’. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho

inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente.”  
**Conceição Evaristo, A escrevivência serve também para as pessoas pensarem (2020, n.p.)**

“A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos, e pensadores críticos, podemos começar a cruzar fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças.”

**bell hooks, Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade (2020, p. 174)**

“É se perguntar se elementos do museu universal devem ser mantidos e por quê, ver o que já propõem os museus comunitários, os museus efêmeros, os coletivos de artistas e ativistas, e mergulhar nas estéticas anticoloniais, antifascistas, anti-imperialistas, feministas, queer e indígenas. Não é fechar o futuro; muito pelo contrário, é abri-lo: iremos além da crítica da instituição existente para pensar no que serão as nossas instituições decoloniais, feministas, antirracistas, anticapitalistas e anti-imperialistas” **Françoise Vergès, Decolonizar o museu – programa de desordem absoluta. (2023, p.25)**

## INSTITUIÇÕES DO PACTO MUSEUS ANTIRRACISTAS



No lançamento do Programa Museus Antirracistas, o IPN lançou uma convocatória para instituições museais e culturais brasileiras aderirem ao programa participando da construção da cartilha com suas equipes técnicas e profissionais. Abaixo estão aquelas que atenderam ao chamado, organizadas por estados.

- **Amapá:** Secretaria do Estado da Cultura do Amapá
- **Bahia:** Rede Museologia Kilombola — RMK; Rede TransMuse
- **Brasília:** Divisão de Diversidade do Instituto Brasileiro de Museus — DD/IBRAM
- **Ceará:** Instituto Dragão do MAR (Museu de Arte Contemporânea do Ceará e Museu da Cultura Cearense); Museu do Ceará
- **Espírito Santo:** Museu Histórico de São Mateus
- **Minas Gerais:** LM Passeios Turísticos; Mina Du Veloso
- **Paraíba:** Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana do Governo do Estado da Paraíba — SEMDH
- **Paraná:** Museu de Territórios Afroparanaenses da UFPR

- **Pernambuco:** Laboratório de Estudos Étnico-raciais na Escola Pública — SANKOFA.LAB; Museu da Abolição
- **Rio de Janeiro:** Arquivo Histórico do Itamaraty; Casa Museu Eva Klabin; Casa Stefan Zweig; Centro Cultural Banco do Brasil — CCBB; Centro Cultural do Legislativo (Câmara Municipal de Macaé); Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular; Coletivo Ayé/Educação Ayé; Coletivo Cultural Olhar da Perifa; Comunidades Catalisadoras — ComCat; Escola Municipal De Administração Maricá — EMAR; Fórum de Ciência e Cultura/Superintendência de Saberes Tradicionais; Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro — FUNARJ; Instituto Burle Marx; Instituto Moreira Salles — IMS; Instituto Sal-Laje; Instituição Federal do Rio de Janeiro — IFRJ; Ler e Saber na Comunidade; Memorial Zumbi; Museu AfroDigital — UERJ; Museu Casa de Benjamin Constant; Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira — MUHCAB; Museu da República; Museu da Vida Fiocruz; Museu de Arqueologia de Itaipu — MAI; Museu de Arte do Rio — MAR; Museu de Astronomia e Ciências Afins — MAST; Museu de Ciências da Terra — MCTER; Museu de Favela — MUF; Museu do Amanhã; Museu do Jardim Botânico; Museu do Samba; Museu Histórico Nacional — MHN; Museu Nacional — MN/UFRJ; Museu Nova Friburgo; Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica Santa Cruz — NOPH; Produthora — Ate-liê e estúdio; Projeto Albatroz; Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Estado do Rio de Janeiro — REM — RJ; Rede LGBTQIA + de Memória

e Museologia Social; Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro — SIMAP/UFRJ; Sítio Roberto Burle Marx; União de Federações e Associações de Moradores e Afins do Estado do Rio de Janeiro — UNIFAMAERJ; W. Santanna Consultoria e Pesquisa.

- **São Paulo:** Museu Catavento; Museu da Língua Portuguesa; Museu do Futebol; Museu dos Aflitos; Oware; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus — ICOM-BR

# SEMEAR, GERMINAR, COLHER – A construção da Cartilha Museus Antirracistas do IPN



JANAINA MELO,  
NAYLA OLIVEIRA E  
CAROLINA VILAS BOAS

O Programa de Museus Antirracistas é uma iniciativa pioneira e colaborativa conduzida pelo IPN de fortalecimento das iniciativas de equidade étnico-racial nos espaços culturais e museais brasileiros. Ao longo de 2025, envolveu uma rede de profissionais e pesquisadores de museus do Rio de Janeiro e de diversas regiões do Brasil em dois seminários e uma série de seis oficinas práticas para elaboração desta cartilha. Esse coletivo plural e diverso atuou para identificar, refletir, sistematizar e promover o intercâmbio sobre práticas antirracistas que já ocorrem, e quais precisam ser construídas para museus e instituições culturais brasileiras.

O programa foi lançado em maio de 2025 com um seminário realizado no Museu do Amanhã, que reuniu aproximadamente 200 pessoas. Após o seminário, teve início um ciclo de oficinas organizadas nos eixos temáticos: gestão e inclusão; curadoria e pesquisa; e educação e articulação. Realizadas em formato virtual, essas oficinas permitiram a participação de

pessoas de diferentes regiões do Brasil, que, juntas, atuaram na construção das diretrizes para ações antirracistas nos museus. Todos os encontros contaram com mediadoras que criaram ambientes participativos para as discussões.

Figura 1 — Primeiro Seminário Museus Antirracistas em maio de 2025.



Foto: Thelma Amaro Vidales, 2025.

Para isso, contamos com um primeiro ciclo denominado colheita, com a ideia de colher com os participantes, a partir de uma plataforma de interação em tempo real, ações já existentes, tornar visíveis boas práticas e apontar os desafios. Criamos assim um ambiente instigador de reflexão, construído por múltiplas vozes, e foi com esse chão que fundamentamos o segundo ciclo de encontros. Organizando as proposições coletivas, trabalhamos juntos para consolidar e validar coletivamente diretrizes relacionadas aos três eixos: curadoria;

educação; e gestão. Ao final desse virtuoso ciclo, consolidamos o texto de dezoito diretrizes, seis para cada eixo de ação.

No mês de novembro de 2025, durante o segundo seminário do programa, apresentamos as propostas para uma audiência ampliada de mais de 160 pessoas. Após a apresentação das diretrizes, organizamos grupos de trabalho que se debruçaram sobre elas, propondo ajustes de textos, revisões e acréscimos. Uma nova diretriz foi elaborada enquanto os grupos também apontavam caminhos e sugestões de como implementá-las nos museus.

Foi nesse encontro também que surgiu a ideia de incluir na cartilha algumas recomendações de outras cartilhas e glossários com termos e conceitos importantes, bem como referências para aprofundamento das pesquisas. Essa cartilha é, portanto, o resultado de uma sementeira diversa e plural, em que cada pessoa contribuiu no cultivo e germinação. Esperamos que as diretrizes aqui consolidadas possam contribuir para que museus e instituições culturais brasileiras assumam uma postura antirracista de combate ao racismo estrutural e seu processo histórico, superando os valores herdados da colonialidade.

A cartilha se organiza na seguinte forma:

- A metodologia das oficinas para elaboração das diretrizes;
- As 19 diretrizes elaboradas nos eixos de ação;
- Um compilado de sugestões mapeadas no seminário de como implementar as diretrizes;

- Um levantamento inicial de outras cartilhas, manuais com glossários e referências para o aprofundamento da pesquisa e que auxiliem na promoção de ações antirracistas nos museus.

Esperamos que outras cartilhas e referências possam se juntar ao *drive* compartilhado, constituindo assim um arquivo em constante expansão.

## **Processo metodológico da construção das diretrizes**

As oficinas que viabilizaram a construção das diretrizes foram construídas de forma colaborativa, através da escuta, identificação de ajustes e reconhecimento de estratégias para a promoção da equidade étnico-racial. Percebemos que, no decorrer dos encontros, ocorreu uma criação de uma rede de profissionais, pesquisadores de museus e centros culturais comprometidos com práticas antirracistas. O diálogo sobre estratégias de combate ao racismo esteve nas bases das reflexões, e foi possível reconhecer uma diversidade de práticas comprometidas com a valorização das tradições e das culturas afro-brasileiras e da execução de políticas para a promoção da diversidade étnico-racial em cooperação, o que nos instiga a pensar no futuro em novos ciclos do programa que também lancem luz às boas práticas.

No entanto, nesse momento as oficinas visavam construir com os participantes uma plataforma de discussão para a elaboração de diretrizes que apontassem caminhos para os museus. Os encontros ocorreram em formato virtual e tiveram a médias de duração de 2h, que ocorreram conforme descrição seguindo o calendário abaixo:

Figura 2 — Tabela de organização das oficinas

| Data                      | Tema                   | Proposição                                                                                                     | Número de participantes |
|---------------------------|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| Encontro 1:<br>21/08/2025 | Gestão e inclusão      | Discussão coletiva e mapeamento de questões relevantes relacionadas com o tema para elaboração das diretrizes. | 107                     |
| Encontro 2:<br>25/08/2025 | Cura-doria e pesquisa  | Discussão coletiva e mapeamento de questões relevantes relacionadas com o tema para elaboração das diretrizes. | 93                      |
| Encontro 3:<br>28/08/2025 | Educação e articulação | Discussão coletiva e mapeamento de questões relevantes relacionadas com o tema para elaboração das diretrizes. | 81                      |
| Encontro 4:<br>22/09/2025 | Gestão e inclusão      | Discussão coletiva da proposta de texto para as diretrizes, com revisão e nova redação quando necessário.      | 80                      |
| Encontro 5:<br>25/09/2025 | Cura-doria e pesquisa  | Discussão coletiva da proposta de texto para as diretrizes, com revisão e nova redação quando necessário.      | 73                      |
| Encontro 6:<br>29/09/2025 | Educação e articulação | Discussão coletiva da proposta de texto para as diretrizes, com revisão e nova redação quando necessário.      | 81                      |

Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Os participantes vinham de diferentes estados brasileiros, dentre eles: Amapá, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Cerca de 59% se autodeclararam pretas e pardas, e 41%, brancas. O perfil profissional envolveu: gestores, museólogos, profissionais de administração e recursos humanos, arquitetos, jornalistas, pesquisadores, professores e produtores culturais. Observamos um número significativo de educadores museais, aproximadamente 40% do total, o que evidencia um interesse especial daqueles que, nos museus, estão em contato direto com os públicos.

Os encontros virtuais foram organizados em dois ciclos: o primeiro, de colheita e o segundo, de sementeira, nos quais as mediadoras atuaram criando o ambiente de participação, discussões em grupos e elaboração de propostas para a construção de diretrizes conforme cada eixo. O primeiro momento das oficinas consistia na apresentação do Programa Antirracista IPN, suas etapas e objetivos, pois não necessariamente tratava-se do mesmo grupo de pessoas, em função de disponibilidade, interesse e rodízio de representantes e profissionais das instituições participantes. Na sequência, as mediadoras realizavam os apontamentos iniciais sobre o eixo temático e apresentavam a metodologia do encontro baseada em perguntas que fomentaram o debate. Na sequência, os grupos — uma média de 90 pessoas por encontro — eram divididos em três salas virtuais, em que ocorriam as discussões, visando promover o máximo de interações possível. As perguntas impulsionaram a participação com o uso de uma plataforma de interatividade que permitia a visualização das respostas em

tempo real, o que dava ainda mais fôlego às discussões. O exercício e reflexão coletiva tinham como objetivo propor sugestões de ações que dentro das instituições museais envolvendo seus profissionais, espaços, acervos e programação cultural e educativa.

Após essa etapa, os grupos retornavam para a sala comum com o intuito de partilhar a síntese das discussões com o coletivo geral. Nesse momento, também era franqueada a palavra para uma troca de impressões e apontamentos. Antes de finalizar o encontro, ocorria um momento de acolhimento denominado “desaguança”. Escolhemos essa palavra pois seu significado relaciona-se com “o ato de um rio correr até encontrar outro curso de água (como um rio maior, lago ou mar)”. Assim, os participantes contavam com mais um momento para fluir as impressões, sentimentos e angústias. Embora estivesse no momento final das oficinas, esse espaço gerou muitas partilhas sensíveis e acolhedoras sobre o encontro, os processos de troca envolvidos ou aquilo que estimulava, inspirava e afetava individualmente cada pessoa.

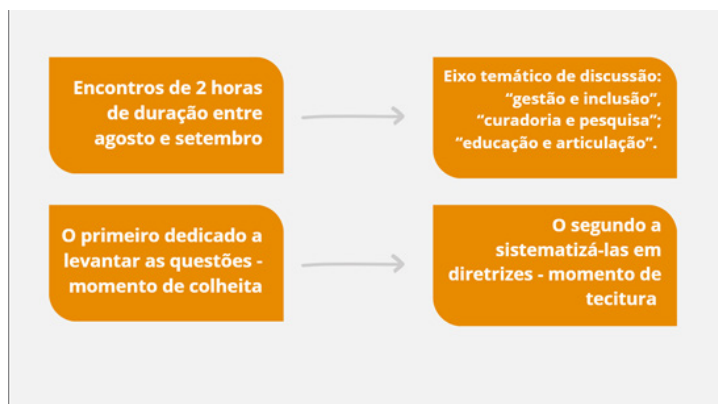
Figura 3 — Print tela oficinas virtuais Programa Museus Antirracistas



Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Após o primeiro ciclo de oficinas, nós nos debruçamos sobre as colaborações para sistematizar as discussões e propor textos base para as diretrizes. Esse conteúdo foi compartilhado com todos os envolvidos que retornaram para o segundo ciclo, com o objetivo de consolidar coletivamente os textos das diretrizes. Assim como na primeira etapa, contamos aqui com a reflexão e revisão do texto em tempo real, abrindo para reescritas, revisões e novas diretrizes conforme a conversa avançava. No seu conjunto, foram produzidas 19 diretrizes que apontava para a possibilidade de romper com limites identificados e contribuir para o desenvolvimento de ações antirracistas nos museus.

Figura 4 — Dinâmica organização do programa das oficinas



Fonte: elaboração dos autores, 2025.

## Eixo Gestão e Inclusão

O ciclo teve como base três perguntas, visando promover o diálogo a partir do reconhecimento do racismo estrutural da sociedade brasileira e da urgência em implementar práticas de educação antirracista que incluam investimentos continuados na formação nos diferentes níveis organizacionais, permitindo a mobilidade e o crescimento de profissionais pretos e pardos.

### As perguntas foram:

1. Quais são os principais pontos de atenção para que gestores consigam desenvolver práticas antirracistas em suas instituições?
2. Como pode se dar uma maior participação de pessoas pretas, pardas e indígenas em cargos de liderança nas instituições culturais brasileiras?

3. O que podemos fazer em relação à gestão dos museus para o futuro? Como, por meio da gestão, o museu ou instituição cultural pode ser mais inclusivo e antirracista?

No seu conjunto, as discussões procuraram coletivamente para reconhecer que somente com a representatividade concreta de pessoas pretas e pardas em cargos de liderança é possível promover uma mudança nas instituições. Para isso, o debate seguiu apontando a necessidade de diversidade real com ações que possam mobilizar e transformar a cultura organizacional das instituições. Girou também em torno das reflexões sobre escuta e letramento racial como estratégias que podem vir a implicar efetivas mudanças no cotidiano das instituições. Outro ponto importante foi a percepção que as estratégias de diversidade e inclusão devem cobrir toda a instituição, isto é, não devem ser restritas aos processos de recrutamento, mas integrar ações continuadas de promoção, formação e valorização de profissionais pretos e pardos, apoiando assim o seu desenvolvimento profissional dentro dos museus. Abaixo estão alguns dos prints de tela das colaborações realizadas nesse eixo de oficinas:

Figura 5 — Prints de tela contribuições das oficinas de Gestão e Inclusão

### Quais são os principais pontos de atenção para que gestores consigam desenvolver práticas antirracistas em suas instituições?

diversidade nos quadros  
canais de denúncia diagnóstico estratégico  
protocolos externos formação continuada  
letramento racial formação de lideranças  
representatividade formação para diversidade ações afirmativas  
ações de equidade escuta ativa  
protocolos internos política de cotas  
políticas de rh afirmativas

Como pode se dar uma maior participação de pessoas pretas, pardas e indígenas em cargos de liderança nas instituições culturais brasileiras?

Através de processos de contratação realizados por pessoas pretas com letramento racial e por especialistas em antirracismo institucional

Com processos seletivos que envolvam políticas de equidade racial equivalentes as utilizadas em processos seletivos públicos com cotas raciais

Processos seletivos que respeitem à Constituição de 1988 e o Estatuto de Igualdade Racial de 2010

Programas de formação e letramento racial com planos de crescimento profissional para pessoas pretas e pardas

Reconhecimento e legitimação das práticas já existentes, transformação interna das instituições museais com mentorias e formação

Ter protocolos internos construídos e aprovados coletivamente nas instituições

Aumentar a diversidade nos cargos de gestão e liderança

Estabelecer grupos de trabalho e protocolos de escuta e acolhimento para as vítimas de racismo

Envolver a comunidade e instituições parceiras na construção de ações de formação continuada e protocolos de acolhimento e denúncia.

O que podemos fazer em relação à gestão dos museus para o futuro? Como a/os gestora(e)s podem instituições mais inclusivas e antirracistas?

Elaborar ações continuadas de formação e envolvimento das comunidades

Ser obrigatório o letramento racial e conhecimento dos protocolos de toda e qualquer pessoa trabalhadora/colaboradora

Desenvolver boas práticas, políticas e processos afirmativos antirracistas pensando em público interno e externo.

Promover ações transversais de formação e discussão sobre práticas antirracistas nas instituições e não apenas atividades pontuais.

Mudando a cultura institucional por meio do letramento racial, das políticas inclusivas e da instituição de protocolos de enfrentamento do racismo.

Por meio de programas e ações educativas, contracolonizando os discursos expositivos, ampliando a escuta a grupos minorizados.

Incluir a temática antirracista nos diferentes programas dos Planos Museológicos dos museus

Estabelecer comitês que garantam uma gestão compartilhada, criação de métricas para avaliar se as ações inclusivas e antirracistas idealizadas

Governança participativa, criando conselhos consultivos com a comunidade e representações negras, pardas, indígenas, quilombolas e periféricas. Incorporar processos

Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Portanto, as contribuições têm o potencial de auxiliar o museu na construção de um conjunto de diretrizes, práticas e conceituais para promover instituições antirracista. Apontam aspectos importantes que devem ser considerados pelos gestores e lideranças que desejam promover a equidade racial e combater o racismo estrutural no ambiente dos museus. A nuvem de palavras aponta para ações práticas, políticas institucionais, estratégias formativas e desenvolvimento de mecanismos de escuta e responsabilização, todos voltados à construção de uma cultura organizacional antirracista.

## **Eixo Curadoria e Pesquisa**

O segundo ciclo de oficinas se debruçou sobre a curadoria e pesquisa e, assim como no eixo de Gestão, contou com três perguntas geradoras. Aqui, o objetivo foi promover o diálogo a partir do reconhecimento do racismo estrutural da sociedade brasileira e da urgência em implementar práticas curatoriais antirracista. Discutimos a urgência de incluir curadores e pesquisadores negros nas instituições, bem como fomentar pesquisas para revisão de descritores dos acervos e reconhecimento de lacunas ou narrativas racistas nos acervos.

Consideramos que é vital atuar na formação continuada das equipes que operam com gestão da informação sobre acervos e documentação nos museus, e que estejam diretamente envolvidas com a criação de exposições: museóloga(o)s, historiadora(e)s, bibliotecária(o)s, arquivistas, entre outras pessoas profissionais atuantes na curadoria, pesquisa e gestão de acervos das instituições. Apontamos também que é importante in-

tegrar nesses setores processos de participação e escuta ativa de coletivos, grupo e comunidades diretamente relacionadas com o museu, sua missão e acervos, visando impulsionar o desenvolvimento de curadorias participativas e compartilhadas.

### **As perguntas do eixo de curadoria e pesquisa foram:**

1. O que os acervos não dizem? Quais são as ausências e os silêncios?
2. Que perguntas podemos fazer aos nossos acervos para a promoção de curadorias antirracistas?
3. Como as práticas curatoriais antirracistas podem forçar outras concepções para os museus?

No seu conjunto, percebemos que é importante priorizar o protagonismo de pessoas curadoras e pesquisadoras pretas, pardas e indígenas comprometidas com a perspectiva antirracista nos museus. Somente com a diversidade de olhares é possível fazer perguntas novas, preencher lacunas e ausências, e descontinuar narrativas e práticas racistas na maneira como se coleciona, interpreta e expõe os acervos. Abaixo, os prints das telas que ancoraram as discussões:

## Figura 6 — Prints de tela contribuições das oficinas de Curadoria e Pesquisa

### O que os acervos não dizem? (Quais são as ausências e os silêncios?)

narrativas contrahegemoni história dos subalternos  
 territórios e comunidades opressões históricas  
 opressão histórica narrativas afrocentradas  
 ausência de origens diversidade lugar de fala  
 dimensão das dores dores e tensões memórias sensíveis  
 protagonismo negro grupos não eurocêntricos produção periférica  
 realidade cotidiana história do povo preto  
 luta de classes pesquisa a afrocentradas grupos invisibilizados  
 o brasil plural dimensões de violência quem ficou fora de quadro  
 história de gênero recortes sociais  
 saberes afroindígenas  
 protagonismo indígena saberes das comunidades

### Que perguntas podemos fazer aos nossos acervos para a promoção de curadorias antirracistas?

Quem conta essas histórias?

Qual a história desses acervos? De onde eles vem? Como chegaram no museu?

Quem podemos ouvir para falar sobre o acervo em questão?

Sobre que história estão estruturados? Quais são seus alicerces sociais?

Que curadorias precisam morrer?

Quem produziu esse acervo? O que sabemos a respeito de sua procedência?

Quem está representado nesta coleção? Temos informações contextualizada de quem as produziu? Como negros e indígena são representados? Que ausências de representações existem no acervo?

Revisão de fichas catalográficas conseguimos fazer uma pesquisa nos acervos sob novas perspectivas para a curadoria.

Que vozes e visões não estão aqui? Quais são as premissas que fundamentam nossas escolhas curatoriais? O que dizem os nossos recortes? Que discurso está por trás deste acervo?

### Como as práticas curatoriais antirracistas podem forçar outras concepções para os museus?

Elas podem reduzir o genocídio e memorizá-lo, evitando a apropriação cultural

Elas podem atuar como uma força disruptiva que exige uma reavaliação completa da missão, visão e a própria razão de ser dos museus

A transformação de museus como espaços que não promovam epistemicídio e valorizem a construção do conhecimento como partilha entre diferentes e múltiplos atores.

No momento que outras narrativas, corpos e objetos ingressam no museu a própria concepção de museu precisa ser alargada, considerando desde tipologias de acervo, temáticas, etc.

Possibilitando o acesso da população às narrativas até então apagadas/excluídas. A sociedade se apropriando pode promover novas concepções.

Promover o diálogo de modo que se façam curadorias coletivas, sob todos os olhares, povos, crenças e opiniões. A pluralidade de ideias precisam de espaços reais de discussão.

Escutando as demandas das comunidades e reconhecendo os saberes não institucionalizados. Inclusive o de questionamentos dos museus tradicionais e sua forma de curadoria.

Temos várias concepções de museus e museologia: indígenas, quilombolas, museus de favela, e através dessa diversidade e do enfrentamento da manutenção de práticas coloniais.

Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

As discussões podem nos auxiliar na elaboração de diretrizes que perpassam as instituições museológicas em diferentes níveis, desde a gestão dos acervos até as práticas educativas e comunicacionais. São especialmente importantes para que os museus assumam sua responsabilidade na produção e reprodução de narrativas históricas, e avancem na direção de uma prática museológica crítica, decolonial e antirracista.

O conjunto de contribuições aponta, portanto, para mudanças na forma de fazer a pesquisa curatorial. Reconhecemos que é importante nos processos curatoriais contar com perspectivas pluriepistêmicas, escuta e participação dos artistas, autores e comunidades envolvidos com os acervos. Assim, não deveríamos pensar somente em curadorias individuais, mas coletivas, que desde sua origem envolvam diferentes atores internos (equipes de pesquisa, curadoria e educação) e externos (povos e grupos dos quais os acervos foram coletados, comunidades para as quais as exposições se destinam e artistas e produtores culturais pretos, pardos, indígenas, quilombolas). Esses são elementos suleadores (Freire, 2020) para a curadoria e pesquisa.

## **Eixo Educação e Articulação**

O terceiro ciclo de oficinas tratou das dinâmicas e dos agentes envolvidos no fazer educativo dos museus. Isso se deu a partir de três perguntas, cujo objetivo foi fomentar a reflexão sobre o espaço museal enquanto local estratégico para o debate e a educação das relações étnico-raciais no Brasil. As perguntas foram:

1. Quais são as marcas que compõem o corpo educativo?
2. Quais estratégias de deseducação para o antirracismo os museus podem impulsionar?
3. Quem são os promotores e receptores na troca educativa? Quem escuta? Quem fala?

Figura 7 — Prints de tela contribuições das oficinas de Educação e Articulação

**Quais são as marcas que compõe o corpo educativo?**

saberes compartilhados      identidade  
interdisciplinaridade      comunicação      co-criação  
responsabilidade      respeito      acessibilidade      ancestralidade  
menores salários      sensibilidade      apagamento      invisibilidade  
desvalorização      criatividade      colonialidade  
coração do museu      acolhimento      memória      diálogo      escassez de recursos  
interação      inclusão      escuta      representatividade      resistência  
pertencimento  
corpo chão de fábrica      corpo disruptivo  
compromisso

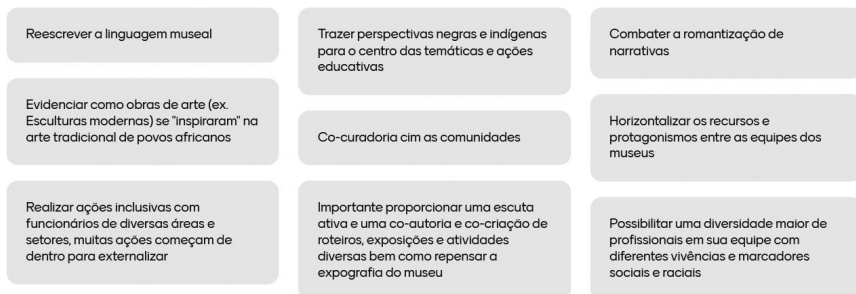
Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

A síntese das respostas evidencia que o corpo educativo é atravessado por uma combinação de valores positivos e desafios estruturais. Ao mesmo tempo em que se destaca como espaço de acolhimento, acessibilidade, diálogo, respeito, responsabilidade e criatividade, marcado pela diversidade, representatividade e aberto à escuta que fortalecem a prática educativa, expõe marcas de desvalorização, invisibilidade, escassez de recursos, menores salários e apagamento, que revelam tensões estruturais e fragilidades enfrentadas pelos profissionais da área. Nesse cenário, a presença de termos como resistência, cocriação e corpo disruptivo podem apontar para o potencial de transformação, reafirmando o corpo educativo como um território de

contradições, mas também de potência criativa, luta e reinvenção.

Figura 7 — Prints de tela contribuições das oficinas de Educação e Articulação

**Quais estratégias de deseducação para o antirracismo os museus podem impulsionar?**



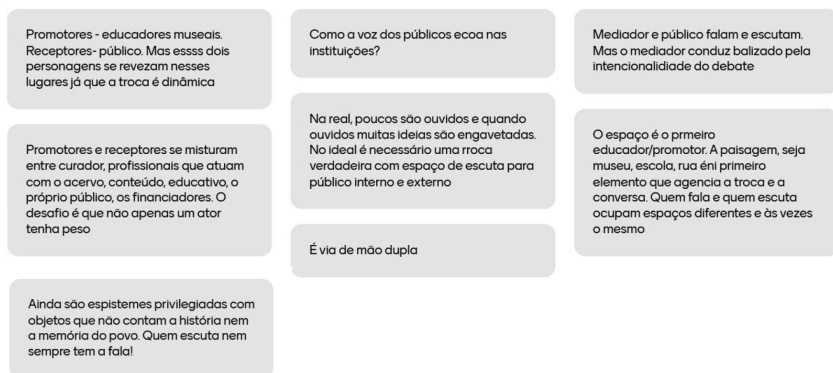
Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

A síntese das respostas indica que os museus podem desempenhar um papel central no enfrentamento do racismo estrutural ao adotar estratégias de “deseducação” (Woodson, 2021) voltadas para a valorização da diversidade e a revisão crítica de narrativas. Entre as propostas, estão reescrever a linguagem museal e combater narrativas coloniais que ainda reforçam apagamentos históricos. Também foi destacada a importância de dar centralidade às perspectivas negras e indígenas nas ações educativas, a cocuradoria com comunidades, de modo a tornar o processo museal mais participativo. Além disso, as respostas apontam para a necessidade de fortalecer a diversidade dentro das próprias equipes dos museus, horizontalizando recursos, ampliando a representatividade e promovendo práticas inclusivas entre diferentes setores. Há ainda a valorização da escuta ativa e da

cocriação de experiências, e a criação de espaços de reflexão, a exemplo de um fórum de debate permanente, capazes de atuar de maneira contínua e comprometida com o antirracismo.

Figura 8 — Prints de tela contribuições das oficinas de Educação e Articulação

**Quem são os promotores e receptores na troca educativa? Quem escuta? Quem fala?**



Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

A troca educativa é compreendida como um processo dinâmico em que promotores e receptores se revezam nos papéis de fala e escuta. Educadores museais, mediadores, curadores e público fazem parte desse circuito. Além das pessoas, o espaço — seja museu, escola ou rua — também é visto como promotor, pois agencia interações e conversas. O mediador tem a função de conduzir o diálogo, pautado em intencionalidades, de modo que a escuta e a fala sejam compartilhadas. Contudo, é destacada a falta de espaço para que algumas vozes ecoem. Assim, a troca educativa é idealmente uma via de mão dupla, que precisa avançar para garantir espaços de escuta reais, contemplando tanto o pú-

blico interno quanto o externo, e valorizando diferentes memórias e epistemes, hoje ainda pouco representadas.

Por fim, compreendemos que o conjunto de contribuições e experiências partilhadas ao longo das oficinas sinalizam para importância das práticas de curadoria, pesquisa, educação e gestão das instituições para promoção do antirracismo, perpassando desde o processo de contratação e formação das equipes, até a pesquisa, seleção de acervos, elaboração dos textos expositivos e marcadores sociais e raciais dos corpos que atuam, sobretudo, em diálogo mais próximo ao público. Esperamos que este documento possa se integrar a outras iniciativas similares e corroborar para a mudança de perspectivas e ações de coleta, pesquisa, preservação, difusão, comunicação e educação nos museus.

Figura 9 — Encerramento segundo seminário Programa Museus Antirracistas



Foto: Thelma Amaro Vidales, 2025.



## DIRETRIZES PARA: Gestão e Inclusão

### Diretriz 1

Estabelecer e incentivar estratégias de composição de equipes por meios de recrutamento, contratação, concursos públicos, voluntariado, parcerias, estágio que promovam a inclusão e reparação histórica da discriminação racial no Brasil, por meio de ações afirmativas que priorizem as candidaturas de pessoas negras e de povos e comunidades tradicionais, reconhecendo as especificidades regionais do Brasil.

### Diretriz 2

Construir políticas afirmativas de recursos humanos promovendo a valorização, formação e profissionalização de pessoas negras e de povos e comunidades tradicionais, impulsionando o seu desenvolvimento profissional dentro da instituição cultural. O processo precisa ser feito por uma política de RH com divulgação direta e inclusiva.

### Diretriz 3

Estabelecer metas e indicadores de promoção de equidade racial nas organizações culturais, com

criação de comissões e grupos de trabalho compostos com equidade e diversidade. Tais grupos devem atuar com poder decisório no planejamento participativo para a promoção de práticas antirracistas. Representatividade, equidade e transparência integrados à missão, visão e valores dos museus e não apenas em projetos.

#### **Diretriz 4**

Desenvolver formações de letramento racial e programas educativos permanentes e ações contínuas para todos os membros da instituição, incluindo profissionais terceirizados e prestadores de serviço, priorizando os cargos de liderança para promover a reparação histórica e a consciência crítica sobre o racismo e práticas de enfrentamento.

#### **Diretriz 5**

Elaborar protocolos de ação internos e externos, criando ambientes seguros de acolhimento das denúncias, como também imprimir a mobilização para a ação de revisão de condutas e avaliação de práticas de silenciamento e opressão. Protocolos internos: regras e procedimentos claros dentro da instituição para prevenir e lidar com casos de racismo e discriminação. Protocolos externos: articulação com o território ou outras instituições para lidar com casos de racismo e garantir proteção às vítimas. Criar canais de acolhimento e com escuta, implementação do código e comitês de ética, bem como, protocolos de tramitação das denúncias.

## **Diretriz 6**

Elaborar normativos internos que garantam previsão orçamentária para ações afirmativas, tais como: letramento racial das equipes, programação com conteúdos relacionados à diversidade e à igualdade racial, entre outras.



## Curadoria e Pesquisa

### Diretriz 1

Implementar ações por meio de curadoria compartilhada e com poder de decisão de maneira a ampliar a representatividade para mapear, pesquisar, salvaguardar e adquirir acervos que contemplem produções, histórias e memórias da população negra, de povos e comunidades tradicionais, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e populações periféricas, incluindo a dimensão simbólica e espiritual.

### Diretriz 2

Realizar parcerias com grupos e coletivos relacionados com os acervos e tema de pesquisa curatorial para cocriar exposições e revisão crítica dos descritores dos acervos já existentes, identificando ausências e narrativas racistas, e promovendo curadorias compartilhadas nas quais representantes desses grupos atuem como coautores das narrativas.

### Diretriz 3

Criar linhas de financiamento e estabelecer metas e indicadores de revisão dos acervos museológicos que contem com: revisão de campo e descritores e

suas formas de indexação, favorecendo o reposicionamento de autores e produtores invisibilizados, descolonização das narrativas e a revisão crítica visando contextualizar lacunas, omissões e narrativas racistas.

#### **Diretriz 4**

Desenvolver práticas curatoriais atentas à territorialidade, ao patrimônio cultural e à valorização de saberes e práticas tradicionais, promovendo diálogo com territórios e comunidades nos quais os museus estão inseridos e mantém relação por meio de seus acervos.

#### **Diretriz 5**

Promover programas de contratação garantindo a equidade salarial e políticas de permanência, formação e impulsionamento de pessoas curadoras e pesquisadoras. Elas devem ser negras e de povos e comunidades tradicionais. Essas ações devem ocorrer por meio de ações afirmativas nos museus e espaços de memória.

#### **Diretriz 6**

Desenvolver e implementar programas públicos de pesquisa e publicação e comissionamento de acervos com enfoque antirracista, em diálogo e parceria com comunidades, especialmente aquelas historicamente invisibilizadas. Esses programas deverão promover a valorização da diversidade cultural, dos saberes tradicionais e a inclusão de múltiplas pers-

pectivas nos acervos museológicos, contribuindo para a reparação simbólica e o fortalecimento da representatividade nos espaços de memória.

### **Diretriz 7**

Proporcionar a integração institucional (interdisciplinariedade) entre os setores do museu, como a biblioteca e o arquivo, a fim de contemplar a atualização, revisão e aperfeiçoamento das informações associadas aos acervos.



## Educação e Articulação

### Diretriz 1

Assegurar que a composição das equipes educativas reflita a diversidade étnico-racial, cultural e social, reconhecendo que a representatividade é elemento central para o fortalecimento do diálogo com o público. Tal diretriz compreende a adoção de políticas de contratação e formação que ampliem a presença de profissionais de diferentes origens, assegurando múltiplas perspectivas na educação museal.

### Diretriz 2

Instituir mecanismos contínuos de escuta e cocriação com movimentos sociais, povos e comunidades tradicionais, territórios periféricos e de favela envolvendo seus mestres e mestras, assegurando sua participação ativa na formulação dos Programas Educativos e Culturais das instituições.

### Diretriz 3

Pesquisar, planejar e executar atividades educativas e culturais, e produzir materiais voltados ao público que deem centralidade às histórias, memórias

e culturas afro-brasileiras e indígenas, assegurando que as fontes utilizadas sejam prioritariamente de autoria negra e/ou indígena.

#### **Diretriz 4**

Implementar ações formativas e culturais voltadas à valorização da história e da cultura afro-brasileira e indígena, com ênfase na criação e manutenção de um programa permanente de letramento racial destinado a todas as equipes internas.

#### **Diretriz 5**

Garantir o acesso democrático e descentralizado por meio de estratégias educativas nos territórios periféricos e marginalizados, promovendo diálogos e parcerias com as comunidades e articuladores locais.

#### **Diretriz 6**

Estabelecer estratégias de formação colaborativa entre museu-escola-universidade-equipamentos de saúde e socioculturais, promovendo ações conjuntas entre estados e municípios para formação e implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, referidas ao estabelecimento de diretrizes e bases da educação nacional.

## COMO APLICAR AS DIRETRIZES NOS MUSEUS?



**D**urante o segundo seminário do Programa Museus Antirracistas, realizado em novembro de 2025, à luz das diretrizes validadas pelo coletivo, perguntamos: como essas diretrizes podem ser aplicadas nos museus? Abaixo trazemos um compilado das sugestões:

- Incluindo de forma transversal um programa antirracista no plano museológico.
- Instituinto comissões compostas por indivíduos reconhecidos e representantes pelos grupos os quais o museu pretende trabalhar em conjunto, seja para revisar coleções pré-existentes ou criar novas coleções, garantindo sempre que possível a remuneração da comissão e a revisão periódica dos seus componentes.
- Construindo documentos com orientações que assegurem práticas de pesquisa e aquisição de acervos.
- Criando campos de catalogação que assegurem o protagonismo da dimensão imaterial, simbólica e espiritual do objeto. Criando tesouros que valorizem e defendam a polissemia dos descritores.

Figura 10 — Validação de diretrizes e discussão do grupo de trabalho eixo Educação e Articulação durante seminário Programa Museus Antirracistas



Foto: Thelma Amaro Vidales, 2025.

- Criando instrumentos de busca e recuperação da informação que evidencie a presença de populações historicamente marginalizadas de forma acessível e objetiva.
- Proporcionando a interdisciplinariedade dos setores e profissionais dos museus, a fim de contemplar a integração e realização sólida da atualização, revisão e aperfeiçoamento das informações associadas ao acervo.
- No processo de catalogação de acervos, contar com campos descritores que assegurem o protagonismo da dimensão imaterial, simbólica e espiritual do objeto.

- Estabelecendo fóruns anuais de planejamento de exposições e de acervos que garantam o campo de escuta e construção com representantes de saberes tradicionais, com inserção dos resultados no plano museológico garantindo a equidade.
- Incluindo no programa de gestão de pessoas do plano museológico diretrizes para contratação de pessoas pretas e pardas.

Figura 11 — Validação de diretrizes e discussão do grupo de trabalho eixo Curadoria e Pesquisa durante seminário Programa Museus Antirracistas



Foto: Thelma Amaro Vidales, 2025.

- Buscando, sempre que possível, aproximação com o território para realizar chamamentos de escuta ativa com a comunidade, desenvolvendo sua comunicação direta através de contato com agentes comunitários, entre outras formas de aproximação.

- Proporcionando a interdisciplinaridade dos setores e profissionais dos museus, a fim de contemplar a integração e realização sólida da atuação, revisão e aperfeiçoamento das informações associadas aos acervos.
- Buscando ativamente a comunidade e ouvi-la para, a partir daí, construir suas ações.
- Construindo conjuntamente uma metodologia de escuta sensível e decolonial, buscando um enraizamento comunitário.
- Entendendo as necessidades e anseios das comunidades com o objetivo de uma coprodução.
- Criando estratégias de comunicação, visando o mapeamentos de saberes e costumes locais.
- Promovendo ações de valorização e difusão dos saberes e costumes do próprio território.
- Contratando gestores pretos com letramento racial.
- Promovendo mapeamentos externo e interno de curadoria para estas ações.
- Garantindo espaço de participação ativa da equipe educativa nas formações.
- Promovendo uma escuta ativa da equipe educativa, a fim de compreender demandas e compartilhar experiências.
- Formulando indicadores de aproveitamento das formações que influenciem o plano de cargo e salários, conforme a diretriz 3 de gestão.

- Promovendo ações em parceria com escolas nos territórios.
- Mapeando ações já existentes nos territórios, criando mecanismos de escuta e participação das pessoas dos territórios nos museus.
- Promovendo ações virtuais e de itinerância em locais públicos, associações junto a comunidades com as quais o museu atua.
- Promovendo parcerias com associações de moradores, ONGs, locais culturais, ocupações, abrigos, coletivos e outras instituições e organizações do 3º setor.
- Promovendo ações voltadas para pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Figura 12 — Validação de diretrizes e discussão do grupo de trabalho eixo Gestão e Inclusão durante seminário Programa Museus Antirracistas



Fonte: Thelma Amaro Vidales, 2025.

## RECOMENDAÇÕES



### **R**ecomendações de manuais e cartilhas com orientações, conceitos chaves e referências para ações antirracistas nos museus

Para a elaboração desta cartilha, consultamos uma série de glossários produzidos por instituições e coletivos de mobilização na luta antirracista. Com um grupo de mulheres pesquisadoras e profissionais atuantes nos museus brasileiros, iniciamos um profícuo diálogo acerca dos temas e seus usos no contexto dos museus. Abaixo seguem alguns dos glossários que fundamentaram nosso debate.

- Em 2020, a Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira constituiu um comitê com o objetivo de contribuir para o aprimoramento da integração institucional e para o combate ao racismo, às discriminações, aos preconceitos e à xenofobia. Como resultado de um trabalho, elaboraram uma Cartilha Antirracista que reúne conceitos importantes para o aprendizado das relações étnico-raciais.  
Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/07/Cartilha-de-Combate-ao-Racismo-2020.pdf>. Acesso em: abr. 2026.
- O ICOM Brasil, durante a consulta pública, que mobilizou o campo museal para a escolha da nova definição de museus (2022), organizou um grupo de trabalho que elaborou uma consulta pública no país. Um dos resultados desta consulta

foi a construção de uma lista com 20 termos que deveriam integrar a nova definição de museus. Dentre eles, destacamos: “Antirracista — Postura que visa combater e romper o racismo estrutural e o seu processo histórico institucional por meio de práticas e valores a superar a colonialidade.” Disponível em: <https://www.icom.org.br/os-20-termos-escolhidos-pelo-icom-brasil/>. Acesso em: abr. 2026.

- O Sistema Estadual de Museus do Estado de São Paulo (SISEM-SP) conduziu, em 2023, um programa de ações virtuais e presenciais para o debate sobre Antirracismo em Museus. O resultado foi a elaboração de um documento com orientações denominado “Sonhar o mundo direitos humanos nos museus” (2024). Esse documento oferece diretrizes, orientações técnicas e um robusto compilação de referências. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2023/12/antirracismo-sonhar-o-mundo-sisemsp-doc.pdf>. Acesso em: abr. 2026.
- O Manual de Boas Práticas Antirracistas para a Comunicação Digital é uma iniciativa das jornalistas Denise Mota e Marcelle Chagas, junto à organização Jornalistas Pretos — Rede de Jornalistas pela Diversidade na Comunicação (Rede JP) e em parceria com a Cátedra de Comunicação da Unesco, Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Labic/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Instituto de Referência Negra Pere-

gum. O manual, embora destinado a jornalistas e profissionais da comunicação, oferece reflexões sobre comunicação digital, representatividade negra e estratégias para evitar na comunicação a estigmatização de grupos subrepresentados. Além de orientações conta com um glossário de conceitos-chave, referências e apontamentos sobre boas práticas.

Disponível em: <https://redejpcomunicacao.org/manual-antirracista/>. Acesso em: abr. 2026.

- O Museu Imperial lançou, em 2025, o “Manual de Práticas Antirracistas para o Museu Imperial/IBRAM/MINC” organizado por Cláudia Maria Souza Costa e Flávia Maria Franchini Ribeiro. Ele visa desenvolver ferramentas práticas para o combate efetivo ao racismo estrutural e a promoção da diversidade étnico-racial. O manual conta com orientações sobre letramento racial, comunicação inclusiva, práticas antirracistas nos museus, um glossário e referências.

Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/manual-de-praticas-antirracistas-para-o-museu-imperial/view>. Acesso em: abr. 2026.

- A Rede de Museologia Kilombola conta com um canal no Youtube com um compilado de vídeos com reflexões sobre museus e equidade.

Disponível em: <https://www.youtube.com/@museologiakilombola9081>. Acesso em: abr. 2026.

## LEGISLAÇÃO



**C**onstituição da República Federativa do Brasil (1988) — Artigos 3º- Objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil; 5º - Igualdade perante a Lei; 215º - Direito Cultural, acesso a fontes da cultura nacional, apoio e incentivo à valorização e difusão das manifestações culturais.

DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

Lei nº 7.716, de 05/01/1989 - Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

Leis nº 10.639, de 09/01/2003; e 11.645, de 10/03/2008 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e dá outras providências.

Lei nº 12.288/10 - institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Lei nº 13.796, de 03/01/2019 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para fixar, em virtude de es-

cusa de consciência, prestações alternativas à aplicação de provas e à frequência a aulas realizadas em dia de guarda religiosa.

Lei nº 11.904, de 14/01/2009 - Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.

Lei nº 14.532, de 2023 - Tipifica como crime de racismo a injúria racial, com a pena aumentada de um a três anos para de dois a cinco anos de reclusão.



## REFERÊNCIAS

**P**ara este levantamento, foram consultadas as pessoas pesquisadoras do IPN; a Biblioteca Pretos Novos Maria da Penha Santos; o Documento de orientação antirracista nos museus do SISEM-SP e Cartilha Antirracista Unilab (2020). O levantamento de fontes segue ativo no *drive* do Programa Museus Antirracistas, disponível no QRCode abaixo:



ADICHIE, Chimamanda. *O Perigo da História Única*. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 11, pp. 46- 59, jul./dez. 2014. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: abr. 2026.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018. 152 p. (Coleção Feminismos Plurais/coord. Djamila Ribeiro).

ALMEIDA VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0101, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://>

[www.redalyc.org/journal/3381/338163000003/338163000003.pdf](http://www.redalyc.org/journal/3381/338163000003/338163000003.pdf). Acesso em: abril. 2026.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148 p. ISBN 978-65-5921-232-3.

BERGER, Maurice. **Os museus de arte são racistas?** MASP Afterall, 2020. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-tX1yhi1ja7EbF1P0HWAj.pdf>. Acesso em: mar. 2026

BRULON SOARES, B. **A viagem de Exu: transferência de autoridade e descolonização da matéria no Museu do Homem do Nordeste**, em Recife - PE. Mana, 30(2), p. 1-32, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442024v30n2e2024022.pt>. Disponível em: e2024022. <https://doi.org/10.1590/1678-49442024v30n2e2024022.pt>. Acesso em: 01 abr. 26.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. A batalha de Durban. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2, 2002, p. 209-214. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100014/8779>. Acesso em: abr. 2026.

CARNEIRO, Sueli. **A mulher negra brasileira na década da mulher**. São Paulo: Nobel, 1985.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Edison. **A sabedoria popular**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins, 2008.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de; GURAN, Milton; ABREU, Martha (Org.). **Inventário dos lugares de memória do tráfico atlân-**

tico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil. Niterói: Editora da UFF, 2014.

CITTADIN, Renata; GONÇALEZ, Sofia (org.). **Sonhar o mundo - direitos humanos nos museus**. Documento de orientação antirracista nos museus. São Paulo: SISEM. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2023/12/antirracismo-sonhar-o-mundo-sisemsp-doc.pdf>. Acesso em: mar. 2026.

CHAGAS, Mario. Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mario Chagas. In: MOUTINHO, Mário (Coord.). **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 5, ULHT, Lisboa, 1996. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/248>

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Org.). **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 2014. Disponível em: [https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF\\_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf](https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf). Acesso em: 06 abr. 2026.

EVARISTO, Conceição – “A escritvivência serve também para as pessoas pensarem”. Entrevista por Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. **Site Itaucultural**, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: abr. 2026.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

ESCOBAR, Giane Vargas; VARINE, Hugues de. Patrimônio Comunitário e Novos Museus: A Face Afro-Brasileira da Museologia Comunitária. In: **IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários**, 2012, Belém. Atas do IV EIMC. Belém: Ecomuseu da Amazônia, 2012.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Editora ULISSEIA limitada, 1961.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A ação cultural e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1979. Disponível em: [https://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia\\_do\\_oprimido.pdf](https://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf). Acesso em: 06 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Disponível em: <https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/categoriasdownloads/files/20190628210617.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2026.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. **Tratado do Todo-mundo**. São Paulo: N-1, 2024.

GOMES, Arilson dos Santos; et.al. Cartilha antirracista. **Redenção: Serviço de Promoção da Igualdade Racial/Unilab**, 2020. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/07/Cartilha-de-Combate-ao-Racismo-2020.pdf>. Acesso em: abr. 2026.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lília Moritz. **Enciclopédia Negra**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017. 154 p. ISBN 978-85-326-5579-0.

GOMES, Nilma Lino. **“Educação Integral articulada com Educação para as relações étnico-raciais é uma proposta transgressora”**, publicado dia 04/12/2024. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/nilma-lino-gomes-edu>

cacao-integral-articulada-com-educacao-para-as-relacoes-etnico-raciais-e-uma-proposta-transgressora/. Acesso em: mar. 2026.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBRAM. **Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Maristela dos Santos Simão (pesq.). Brasília, DF: IBRAM, 2018. – (Caminhos da Memória). Disponível em: <https://cedoc.museus.gov.br/wp-content/uploads/tainacan-items/113506/114673/Online-Museu-memoria-culturaafro-v9c.pdf>. Acesso em: abr. 2026.

ICOM-BR. **Um caminho com múltiplos olhares**. As Estratégias e as Reflexões sobre a Participação do ICOM Brasil na Nova Definição de Museu. Disponível em: [https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2024/04/ICOMBR\\_MultiplosOlhares\\_FINAL.pdf](https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2024/04/ICOMBR_MultiplosOlhares_FINAL.pdf). Acesso em: abr. 2026.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de: Jess Oliveira. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LODY, Raul. **O negro no museu brasileiro**: construindo identidades. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. 2. ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos afro-asiáticos**, Rio de Janeiro v. 23, n. 1, p. 171-209, jun., 2001.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MIGNOLO, Walter. **Museus no horizonte colonial da modernidade garimpando o museu (1992) de Fred Wilson**. Disponível em: [https://monoskop.org/images/2/23/Mignolo\\_Walter\\_2011\\_2018\\_Museus\\_no\\_horizonte\\_colonial\\_da\\_modernidade\\_garimpando\\_o\\_museu\\_1992\\_de\\_Fred\\_Wilson.pdf](https://monoskop.org/images/2/23/Mignolo_Walter_2011_2018_Museus_no_horizonte_colonial_da_modernidade_garimpando_o_museu_1992_de_Fred_Wilson.pdf). Acesso em: mar. 2026.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediante de gênero e anticolonial da violência** Issuu, 2016. Disponível em: <http://imgs.fbsp.org.br/files/62cc76f73d-2d77003436339c56954187.pdf>. Acesso em: mar. 2026

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Tradução de: de Manuel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOVIMENTO INTERNACIONAL POR UMA NOVA MUSEOLOGIA. Declaração MINOM Rio 2013. In: CHAGAS, ASSUNÇÃO; GLAS. **Cadernos do CEOM** - Ano 27, n. 41 - Museologia Social.

MUNANGA, Kabengele. Construção da identidade negra: diversidade de contextos e problemas ideológicos. In: CONSORTE, Josildeth Gomes Consorte; COSTA, Marcia Regina da Cosa. **Religião, Política, Identidade. Cadernos PUC, EDUC**, São Paulo, 1988, p. 143-147. Disponível em: <https://share.google/xGmY1E8CToZSKMp4K>. Acesso em: mar. 2026

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos. Coleção Cultura Negra e Identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA. **Stella do Patrocínio: me mostrar que eu não sou sozinha, que tem outras iguais, semelhantes a mim e diferentes**. Rio de Janeiro: Museu Bispo do Rosário Associação Cultural, 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. **A Arte Negra**. Museu voltado para o futuro. Galeria de arte moderna (GAM), Rio de Janeiro, n. 15, p.44-45, 1968.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. Documentos de uma militância Pan-Africanista. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019.

NASCIMENTO, Álvaro; HONORATO, Cláudio. **Roteiro de herança africana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz do. Negro e racismo. **Revista de Cultura Vozes**, n. 68 (7), p. 65-68, 1974.

NASCIMENTO, Maria Beatriz do. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora**, n. 6-7, pp. 41-49, 1985 .

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Elisa L. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NOBRE, Carlos. **Guia patrimonial da Pequena África**: bustos, irmandades, monumentos, museus, painéis, bairros, becos, entidades, gafeiras, praças. Rio de Janeiro: Centro Cultural Pequena África, 2015.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, abr. 2010. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01 abr. 2026.

OLIVEIRA, Vânia D. E. de. A patrimonialização da memória da cultura popular brasileira no Museu de Folclore Edison Carneiro. **Museologia & Interdisciplinaridade**, 1(1), 135–164, 2012.

PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André. **Histórias Afro-Atlânticas**. Volume 2. Antologia. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake; Masp, 2018, 624p.

PEDROSA, Adriano; HERÁCLITO, Ayrson; MENEZES, Menezes; SCHWARCZ, Lília M.; TOLEDO, Tomás (Curadoria e textos). **Histórias Afro-Atlânticas**. Volume 1. Catálogo. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake; Masp, 2018, 416p.

PESTANA, Aretha Blay . Raça, cultura e etnia: do boneco de barro à grande obra. In: Gerson Gonçalves da Silva; Bas'ile Malomalo. (Org.). **Às margens do Atlântico Sul: Reflexões Negras**. 1. Ed. São Paulo: Factash Editora, 2010, v. 01, p. 05-188.

QUEIROZ, Marijara Souza. **Museologia: nas trilhas do patrimônio cultural**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação. v. 1, 2015. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/174>. Acesso em: 01 abr. 26.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In : LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2005. p. 227-278.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 135p. ISBN: 978-85-359-3287-4.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Cultura. **Museus RJ: um guia de memórias e afetividades = a guide to memories and emotions**. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, 2013. Disponível em: <http://www.museusdorio.com.br/site/media/attachments/2020/08/24/museus-rj2013.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2026.

RIOS, Flávia M.; RATTTS, Alex; DOS SANTOS, Marcio André. **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. Editora Perspectiva S/A, 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luis; SIMAS, Luis Antonio. **A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SANSONE, Lívio (Org.). **Memórias da África: patrimônios, museus e políticas das identidades**. Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCT/UnB, 2015.

SANTOS, Deborah Silva; BRITO, Kátia Silene Souza de. Narrativas em disputa: ações antirracistas nos museus brasileiros. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 71, pp. 63-74. 2025. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/10878/6076>. Acesso em: 01 abr. 26.

SANTOS, Deborah Silva. Apontamentos sobre narrativas nos museus afro-brasileiros. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 11, n. 22, pp. 94-116, jul./dez. 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/381858931\\_Apontamentos\\_sobre\\_narrativas\\_nos\\_Museus\\_Afro-Brasileiros](https://www.researchgate.net/publication/381858931_Apontamentos_sobre_narrativas_nos_Museus_Afro-Brasileiros). Acesso em: 01 abr. 26.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Entre utopias e memórias: arte, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Garamond, 2021.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo Brasileiro: Uma história da formação do país**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2022.

SOARES, Bruno Brulon. **Pensar os museus: mito, história, tradição**. Rio de Janeiro: Museologia e Patrimônio, 2023.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SKIDMORE, Thomás. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SKIN [documentário]. Direção: Daniel Etim Effiong. Be Naya Productions. Nigéria, 2018.

TEIXEIRA, Carolina R.; PINHEIRO, Marina S. Enegrecendo os processos museais: processos epistêmicos contra-coloniais nas linguagens museológicas. **Anais XI Artefatos da Cultura Negra**. Ceará, 2020.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2003.

TUNGA, Abdias Nascimento; MUSEU DE ARTE NEGRA (MAN). **Pensar africanamente**, 7 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oQvDOrD-07c>. Acesso em: abr. 2026.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio do desenvolvimento local. Tradução de: Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Madianiz, 2012.

VERGÉS, Françoise. **Descolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

VIEIRA DO NASCIMENTO, Marcelle. O desafio da representatividade negra nos museus. **Museologia & Interdisciplinaridade**, 10(20), 122–128. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/33996>. Acesso em: abr. 2026.

WOODSON, Carter G. **A deseducação do Negro**. São Paulo: Edipro, 2021.

## FICHA TÉCNICA



**E**sta cartilha foi realizada com recursos oriundos de emenda parlamentar através Termo de Fomento 966072/2024, celebrado entre Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus e o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos.

### **Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos**

Presidente – Merced Guimarães dos Anjos

Vice-presidente – Petrúcio Guimarães dos Anjos

Secretário Geral – Antonio Carlos R. Silva

Diretora de Projetos – Carla Marques

Diretora Financeira – Gabrielle Guimarães dos Anjos

Gestora Financeira – Rachel Anjos

Diretor de Estudos e Pesquisas – Marcelo Monteiro

Curador – Marco Antonio Teobaldo

### **Programa Museus Antirracistas Instituto Pretos Novos**

**Equipe de coordenação e gestão:** Merced Guimarães; Carla Marques; Rafaelle Guimarães; Alexandre de Nadai; Claudia Vitalino; Valdemar Vargas; Priscila Frevier; Lara Cesar; Rachel dos Anjos; Wallace Ferreira; Marcos Antonio de Souza; Agatha Martiniano.

**Equipe de apoio e produção:** Luiza da Hora e Isabela Orichio.

**Oficineiras:** Carolina Villas Boas (historiadora e mestre em Museologia pela USP); Janaina Melo (historiadora, mestre e doutoranda em Museologia pela UniRio/MAST); Nayla Oliveira (cientista social, mestranda em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC-FGV, apoiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil/ CAPES – Código de Financiamento 001).

**Palestrantes:** Aline Miranda e Souza; Carolina Rodrigues; Cláudia Vitalino; Cláudio Honorato; Jairo Malta; Henrique Porto; Lu Oliveira; Lucas Almeida; Marcelo Campos; Marcelo Cunha; Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha; Marco Antonio Teobaldo; Nelson Fernando Inocêncio Silva; Priscila Fevrier; Sinara Rúbia Ferreira.

**Organização e edição Cartilha Museus Antirracistas Instituto Pretos Novos:** Janaina Melo; Nayla Oliveira; Isabela Orichio.

**Apoio institucional:** Museu do Amanhã

**Agradecimentos:** a todas as pessoas que participaram e colaboraram, direta ou indiretamente, para o êxito do Programa Museus Antirracistas do Instituto Pretos Novos e pela elaboração da cartilha. Em especial à Aline Miranda e Souza, Clarisse Rosa Dias e Luciana Menezes Carvalho

Manifestamos também nosso respeito e reverência aos mais de 30 mil africanos e africanas escravizados — os chamados “pretos novos” — que tiveram suas vidas interrompidas de forma brutal pelo processo de escravidão no Brasil.

Este espaço de memória existe para que suas histórias não sejam apagadas, para que suas dores sejam reconhecidas e para que sua humanidade seja plenamente afirmada. O Cemitério dos Pretos Novos, por tanto tempo silenciado, hoje se ergue como um território de memória, denúncia e compromisso com a verdade histórica.

Homenagear esses corpos e essas vidas é também reafirmar a urgência da promoção da equidade racial em nossos museus e na sociedade. É reconhecer que não há futuro justo sem o enfrentamento das desigualdades herdadas desse passado.

Que a memória dos Pretos Novos siga nos convocando à responsabilidade, à reparação e à construção de um presente mais digno e igualitário.

LETRACAPITAL

ISBN 978-65-5252-331-0



Esta cartilha emerge como um imperativo transformador para os museus brasileiros, convocando-os a se reinventarem como territórios de justiça, pluralidade e equidade racial. Resultado de um processo colaborativo que congregou profissionais, pesquisadores e instituições de diversas regiões do país, ela sistematiza diretrizes práticas e provocações reflexivas contra o racismo estrutural enraizado nas narrativas, acervos e rotinas de museus.

Ao resgatar histórias silenciadas e propor inovações em curadoria, gestão e educação, a obra delineia sendas concretas rumo a instituições inclusivas e eticamente responsáveis. Mais que um manual orientador, configura-se como um apelo à praxis: rever o papel dos museus, intensificar o diálogo com comunidades e atuar decisivamente na tessitura de uma sociedade verdadeiramente antirracista.

**Merced Guimarães dos Anjos**

Presidente do IPN

REALIZAÇÃO

**IPN**

**sbm**  
Sistema Brasileiro de Museus

**ibram** institutobrasileirode  
**museus**

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO DO  
**BRASIL**  
DO LADO DO POVO BRASILEIRO